

VALDINETE MIGUEL ALBUQUERQUE

DILEMAS E POSSIBILIDADES DA METODOLOGIA PARA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS E A FORMAÇÃO DO EDUCADOR

RIO DE JANEIRO

2004

VALDINETE MIGUEL ALBUQUERQUE

DILEMAS E POSSIBILIDADES DA METODOLOGIA PARA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS E A FORMAÇÃO DO EDUCADOR

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e
Educação da UNIRIO , como requisito para
obtenção do grau de licenciatura,
orientada pela professora
Antonia Pincano

Rio de Janeiro

2004

DEDICATÓRIA

A Deus, por me dar força nos momentos que quase desisti,
Aos meus pais pelo suporte que sempre me deram,
À minha amada filha, pelos carinhos que sempre me deu
Nos momentos em que não podia estar brincando e sim estudando,
As minhas irmãs, Valdete e Vilma, pelo apoio moral,
A Paulo Freire, este maravilhoso educador
que tanto nos deixou de sua obra para inspiração.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Antonia (Tunica) pelo grande apoio,
Não só como orientadora mas como paciente amiga, nos momentos,
Que mais necessitei.
A professora Ângela Maria,
As minhas queridas amigas:
Cleide, Heloísa, Maria de Fátima e Soninha,
Por sempre me incentivarem a não desistir do curso.



Os funcionários não funcionam.
Os políticos falam mas não dizem.
Os votantes votam mas não escolhem.
Os meios de informação desinformam.
Os centros de ensino ensinam a ignorar.
Os juízes condenam as vítimas.
Os militares estão em guerra contra seus compatriotas
Os policiais não combatem os crimes,
porque estão ocupados cometendo-os.
As bancarrotas são socializadas, os lucros são privatizados.
O dinheiro é mais livre que as pessoas.
As pessoas estão a serviço das coisas.
(Eduardo Galeano)

RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar as possibilidades de metodologias para Educação de Jovens e Adultos e as possibilidades da Formação do Educador. Para tal, foi realizado um estudo bibliográfico com ênfase nos autores Paulo Freire, Angela Kleiman e José M. Esteve. O estudo mostrou as dificuldades encontradas pelos alunos de EJA, e que estes necessitam do apoio do professor para um melhor desenvolvimento da capacidade da escrita e da leitura. Concluiu-se que a formação do educador deve ser edificada de uma forma amorosa, dialógica, crítica e principalmente que ele tenha em mente a necessidade de uma formação contínua que vise a transformação do modelo atual da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: educação de jovens e adultos, formação do professor.

SUMÁRIO

Introdução.....p.8

CAPÍTULO I - Dilemas e possibilidades da metodologia da Educação de

Jovens e Adultos:

1.1 – Estigmatização do Analfabetismo para jovens e adultos no
Brasil.....p.11

1.2 – A interação professor aluno, um bom começo para se aprender
a aprender..... p.14

1.3 – O monólogo não oportuniza idéias, então vamos conversar
professor(a)?.....p.15

1.4 – Leitura e oralidade – subsídios necessários para um melhor
aproveitamento da prática alfabetizadora.....p.17

1.5 - Escrita : uma das diretrizes para a prática educativa..... p.20

CAPÍTULO 2 - Dilemas e possibilidades da metodologia da formação do
educador

2.1 – Teoria e Prática.....p.22

2.2 – Desprestígio da Profissão.....p.25

2.3 – O desajustamento do professor ajustará a educação?.....p.28

2.4 – O professor e a informática, essa dupla já está "antennada"?.....p.32

Considerações Finais.....p.34

BIBLIOGRAFIA.....p.35

INTRODUÇÃO

O analfabetismo no Brasil, aqui entendido como um problema social, diz respeito a uma questão complexa de grandes proporções entre jovens e adultos de classes populares.

Desse grande contingente de cidadãos e cidadãs sem a escolarização básica, uma parte já freqüentou e/ou tentou freqüentar os vários espaços escolares na esperança de aprender a ler, a escrever e contar, elementos relacionados ao processo de alfabetização.

Nessa direção repensar a questão do analfabetismo no Brasil implica em nos debruçarmos para repensar a metodologia que privilegie a construção do conhecimento, partindo de uma metodologia participativa e construtiva, voltado(A) para os setores populares da sociedade.

Sabemos que, ainda hoje, as práticas educacionais, decorrentes de modelos de educação excludentes e antidialógicos são freqüentes, e não contemplam metodologias que incentivem alunos/alunas de classes populares a conquistarem as condições básicas de leitura e escrita.

Este estudo pretende apontar alguns dos autores/educadores e suas respectivas produções científicas que, no empenho e no compromisso de reinterpretarem e redimensionarem os caminhos da educação, voltada para os setores populares da sociedade sistematizaram conhecimentos lapidares para uma proposta de educação popular humanizadora, pois, *“a prática docente especificamente humana é profundamente formadora, por isso ética”* (FREIRE, 1997:72)

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista. Nem tão pouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. (FREIRE, 1997)

Por outro lado uma proposta de educação direcionada para transformação da realidade só terá chances de êxito se além do reconhecimento da aplicação do referencial teórico que nos tem sido oferecido por diferentes ciências (filosofia, antropologia, psicologia, entre outras) também houver consistente vontade política capaz de organizar e mobilizar diferentes segmentos da sociedade.

Da literatura utilizada para aprofundar o tema em questão - a proposta para o educador de pessoas jovens e adultas – alguns autores e suas vertentes, se destacam neste trabalho. Assim construímos as bases conceituais que provém de diferentes campos do conhecimento. As principais dentre elas identificam-se com o referencial teórico postulado por Freire (1977, 1987, 1992, 1996, 2001) no que diz respeito à competência técnico-científica e o rigor necessário ao educador para desenvolver seu trabalho compatibilizado com a amorosidade necessária às relações educativas, comprometidas com a leitura crítica das verdadeiras causas da degradação humana; J.M.Esteve (1995) destaca o desajustamento (mal-estar docente) que os professores sofrem, na medida em que toda responsabilidade educacional recai sobre eles. Este pesquisador menciona três funções deste mal-estar docente que não devem ser lidas numa perspectiva seqüencial rígida. A primeira função seria a de ajudar ao professor a eliminar o desajustamento; a segunda chamar à atenção da sociedade; a terceira seria a de traçar linhas de intervenção com vistas à melhoria das condições em que os

professores atuam, simultaneamente, nas frentes de formação inicial, formação contínua, material de apoio, relação "responsabilidades".

Kleiman (2000) realça um elemento crucial para o processo de aprendizagem de jovens e adultos – as perturbações que ocorrem em sala de aula – e sua proposta analisa o erro como chave para aprendizagem, o erro aqui visto, não somente como erro do aluno mas da análise que o(a) professor(a) deve fazer continuamente da sua prática em sala de aula.

!

Capítulo 1

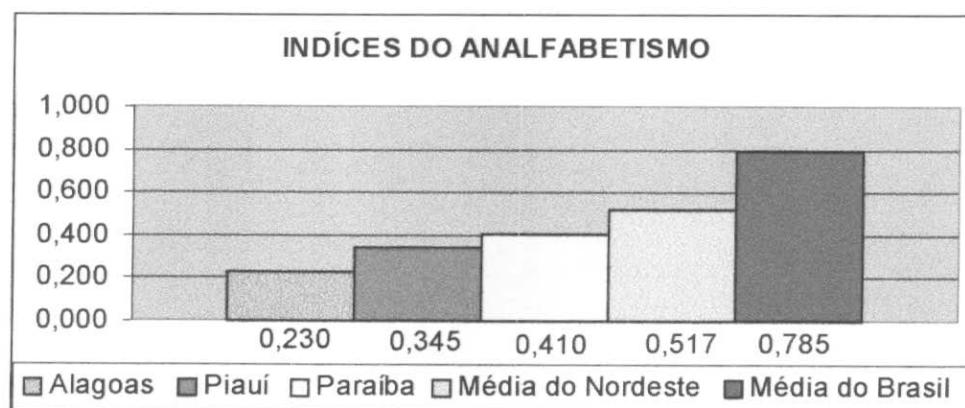
Dilemas e possibilidades da metodologia

1.1 – Estigmatização¹ do Analfabetismo² para jovens e adultos no Brasil

[...] Freire deixou-nos importante legado que mantém viva sua presença na luta daqueles e daquelas que continuam acreditando nas possibilidades de educação, apesar de seus limites, *tornar possível o impossível*, concebendo este desafio à prática da educação popular.[...] (FREITAS, 2001, p.27)

Neste capítulo será discutido o retorno do aluno jovem e adulto à escola e as suas perplexidades com o preconceito por parte de alguns professores. Em algumas pesquisas/observações com turmas de pessoas jovens e adultas, percebe-se que há um número elevado de alunos oriundos da região nordeste do Brasil.

Como podemos então esperar que essas pessoas não fracassem na escola?



Fonte: Jornal O Globo – 27/06/2004

¹ Quando falamos de estigmatização do analfabetismo queremos ressaltar os preconceitos que os cidadãos e cidadãs sofrem numa sociedade letrada, que os discrimina, excluem, fazendo com que esses sintam-se inferiorizados, já que não dominam nem os códigos da escrita e nem da leitura. Ver mais a respeito desse assunto em Goffman, Irving 1988.

² De analfabeto + ismo.] S. m. Estado ou condição de analfabeto; falta absoluta de instrução. – Dicionário Aurélio – de Língua Portuguesa, 1999, p.130.

Para Lewin o analfabetismo é, sobretudo, um fenômeno de exclusão social e de marginalização econômica; de compulsório afastamento político e de subtração do gozo dos benefícios sociais e dos direitos civis; de impedimento ao acesso às várias formas de expressão da cultura erudita e, paralelamente, de desvalorização popular e do seu próprio patrimônio cultural. (1990, p.25), essas definições foram por mim escolhidas, para um aprofundamento ver também Ribeiro, Vera Masagão, 2003 e Fernandes, Dorgival Gonçalves, 2002.

Seria só dos alunos a culpa por este fracasso?

Os professores que estigmatizam seus alunos julgando-os incapazes de aprender³ cometem um grande erro: "Qualificar alguém de analfabeto é defini-lo pelo que carece, não por aquilo que tem. Significa fazê-lo de uma forma radicalmente negativa". (FRAGO, p.18) Uma forma de realizar esta investigação seria, por exemplo através da avaliação diagnóstica (da leitura, da escrita) que busca descobrir em que momento da aprendizagem escolar se encontra a população de jovens e adultos.

As letras, os números e os desafios que enfrentam para resolver os vários problemas que ocorrem no dia-a-dia incentivam estes cidadãos/ãs a formular várias hipóteses sobre a língua escrita. Tais hipóteses são caminhos férteis em que desenvolvem estratégias e registram seus pensamentos e resolvem seus problemas, desde os mais corriqueiros até os mais complexos. Nesse sentido os jovens, adultos com pouca escolarização possuem diferentes competências cognitivas que estão relacionadas com as atividades que exercem socialmente (atividades coletivas, individuais que exigem planejamento, tomadas de decisão, militância em partidos, associação de moradores, sindicatos e organizações da sociedade).

Os educadores necessitam conhecer os níveis de conteúdos de letramento conquistados por estes alunos/alunas, ao longo de suas práticas sociais. É fundamental que conheçam as hipóteses que os adultos levantam quando pensam a escrita.

³ Soares chama à atenção nesse sentido para as ideologias do dom, e da deficiência cultural, pois, segundo esta ideologia o aluno é o responsável pelo seu fracasso escolar por ser portador de desvantagens intelectuais, e respectivamente, na deficiência cultural, seria portador de déficits socioculturais.

O professor deve diagnosticar que tipos de alunos estão presentes em sua sala de aula, e a partir daí traçar alternativas que permeiem os interesses desses alunos. É fato que o aluno de EJA tem uma força que o impulsiona, ele quer aprender, pois está retornando à sala de aula, e ao se deparar com um professor que o desencoraja, desestimula, essa força vai diminuindo até cessar, fazendo com que ele retorne ao ponto de partida: continue um analfabeto e/ou analfabeto funcional⁴.

Atitudes como essas, infelizmente, pude constatar em algumas observações realizadas ao longo de minha caminhada acadêmica, como podemos destacar na fala da Professora V., de uma escola de EJA:

Não sei se deu para você perceber qual é o nosso público aqui (a professora então levou a mão até a cabeça, fazendo sinais como se os alunos fossem "malucos"). Complementou ainda, dizendo que alguns alunos ali naquela turma tinham distúrbios graves.

Como se demonstra pelo comentário, a professora parece munida de um saber fazer que não consegue solucionar, sequer, problemas imediatos, indicando talvez que a formação de magistério que recebeu contribui para instrumentalizá-la com uma concepção de mundo que confirma o modelo vigente, caracterizado pela fragmentação, pela ausência de espaços para saberes identificados com o senso comum, para a interdisciplinaridade, para um ensino flexível mediado em constante interação com as mudanças que ocorrem na sociedade e no mundo do trabalho. Por isso faz-se necessário um bom relacionamento entre professor/aluno, para que o processo de ensino aprendizagem ocorra de uma maneira prazerosa e motivadora.

⁴ O analfabeto funcional é aquele que apenas sabe assinar seu próprio nome e elaborar um bilhete simples, não sendo capaz de interpretá-lo.

1.2 – A interação professor aluno, um bom começo para se aprender a aprender

Segundo Kleiman (2000, p.194), a interação no processo educativo e especificamente em sala de aula é imprescindível para o êxito nas relações de ensino aprendizagem. Para Freire a educação é um ato coletivo, solidário, fundamentado no amor e na troca de experiências:

“De um lado e do outro do trabalho em que se ensina-e-aprende, há sempre educadores-educandos e educandos-educadores. De lado a lado se ensina. De lado se aprende”.(BRANDÃO, 1981, p.22)

O professor de EJA deve estar atento ao seu “público” para ajudá-lo a representar as motivações que lhe trouxeram de volta à escola, e utilizando estratégias que envolva-o no processo que é a aprendizagem⁵.

[...] Consideramos a sala de aula como um lugar para comunicação de informações, para o estabelecimento de relações sociais e para a expressão da identidade e de atitudes, ou seja, é o espaço de convergência do cognitivo, do social e da expressão pessoal[...](KLEIMAN, 2000, p.195)

Muitas vezes o professor planeja uma aula com todo cuidado, separa materiais, pesquisa possibilidades de abordagens sobre o conteúdo a ser trabalhado, elabora exercícios, mas, quando chega à sala de aula, as elaborações que projetou tomam-se impróprias, inadequadas, ineficazes. Para Kleiman (2000) as perturbações que essas situações ocasionam são um elemento crucial ao processo de aprendizagem em que a

⁵ Bock, Furtado e Teixeira na sua obra *Psicologias* no capítulo dedicado a aprendizagem tecem várias considerações a respeito da aprendizagem, destaquei Vigotski por achar que vem de encontro ao meu estudo – segundo este autor a aprendizagem é, portanto, um processo essencialmente social, que ocorre na interação dos sujeitos. O desenvolvimento é resultado desse processo, e a escola, o lugar privilegiado para esse incentivo. *A Educação* passa, então, a ser vista como processo social sistemático de construção da humanidade.(1999, p.126)

professora está envolvida. Por outro lado, para ela, os estudos sobre a interação mostram que as formas de expressão e de comunicação são culturalmente determinadas e que a tendência de todo falante é interpretar essas formas, tanto verbais como não verbais, segundo o significado dado em seu grupo de origem.

Há também alguns educadores que se harmonizam mais com alunos passivos, que entram “mudos e saem calados” exercitando apenas as enfadonhas cópias com as respostas e ficam a espera da maçante correção a ser feita pela professora. Vemos que este tipo de postura não incentiva aluno algum. Provavelmente esta seria uma das razões pelas quais o aluno acaba se fechando e tomando-se apático, indiferente e porque não dizer “reprodutor do conhecimento do professor?!” Como propiciar incentivos a participação se não lhes oportunizamos a comunicação?

Não posso discriminar o aluno em nome de nenhum motivo. A percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo, mas também de como o aluno entende como atuo. Evidentemente, não posso levar meus dias como professor a perguntar aos alunos o que acham de mim ou como me avaliam. Mas devo estar atento à leitura que fazem da minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente “lido”, “interpretado”, “escrito” e “reescrito”.(FREIRE, 1996, p.109)

1.3 – O monólogo não oportuniza idéias, então vamos conversar professor(a)?

“O monólogo, enquanto isolamento é a negação do homem; é fechamento da consciência, uma vez que consciência é a abertura.” (FREIRE,2000)

Muito já foi dito e lido a respeito da falta de diálogo em sala de aula, mas não há como se pensar o espaço oficial de produção do conhecimento - que é o ambiente escolar, sem esta ferramenta indispensável. O(a) professor(a) que não conversa com os seus alunos certamente desenvolve um trabalho incompleto, pois o diálogo transforma a relação professor/aluno. E nesse sentido, não podemos dispensar este fio condutor que só nos auxilia, pois, quando conversamos com nossos alunos, sabemos mais sobre suas histórias, e a partir de uma visão interacionista aplicá-las como aliadas no processo de ensino aprendizagem. É como se assinássemos um "contrato" estabelecendo as cláusulas para uma melhor "convivência" no ambiente escolar. Esta pode ser uma forma para obtermos melhores resultados, seja na leitura ou na escrita .

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão... Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação. A que, operando a superação da contradição educador-educandos, se instaura como situação gnosiológica, em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza. (FREIRE, 1987, p.78-83)

É importante ressaltar que cada aluno de EJA possui uma forma peculiar de seguir o processo de aprendizagem, sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, enfrentar e propor soluções para seus conflitos sobre a leitura e a escrita para dedicação às tarefas escolares devido ao fato de que todos normalmente trabalham, e é no ambiente da sala de aula que eles devem aproveitar todos os momentos para adquirirem esse aprendizado. E por isso o professor deve aproveitar ao máximo suas aulas, diversificando e inserindo estes alunos no contexto do conteúdo, conforme Bock, Furtado e Teixeira (1999, p.126) a partir das concepções de Vygotsky:

a escola toma-se um novo lugar – um espaço que deve privilegiar o contato social entre seus membros e torná-los mediadores da cultura. Alunos e professores devem ser considerados parceiros nesta tarefa social. O aluno jamais poderá ser visto como alguém que não aprende, possuidor de algo interno que lhe dificulta a aprendizagem... Todos são responsáveis no processo. Não há aprendizagem que não gere desenvolvimento; não há desenvolvimento que prescindia da aprendizagem. Aprender é estar com o outro que é mediador da cultura...

Sendo a palavra a “arma” do educador, ela deve usá-la de maneira que realmente possa “derrotar” o analfabetismo e por isso o educador das classes populares deve ter essa idéia em mente sempre que desta arma for fazer uso, para não “assassinar” à vontade dos que buscam um pouco mais deste objeto subjetivo que é o conhecimento, e que até então esses sujeitos só o utilizam através da oralidade.

Segundo Brandão (1986, p.18), quando o homem sabe e ensina o saber, é sobre e através das relações de objetos, pessoas e idéias que ele está falando . Aprender significa tornar-se, sobre o organismo, uma pessoa, ou seja, realizar em cada experiência humana individual a passagem da natureza à cultura (1986, p.18)

1.4 – Leitura e oralidade – subsídios necessários para um melhor aproveitamento da prática alfabetizadora

A leitura é um dos principais meios de enriquecimento intelectual e cultural do ser humano. Nós nos reconhecemos como seres humanos, justamente pela possibilidade da nossa comunicação.

A escola é uma das principais responsáveis pela introdução dos alunos/as no desenvolvimento e o gosto pela leitura e pela escrita.

Porém, a realidade atual que vivemos no Brasil é de uma imensa diferença social e econômica, que, em muita das vezes, se torna um fator de interferência drástica e decisiva no ensino das crianças desfavorecidas financeiramente, aumentando muito a evasão escolar nas famílias de baixa renda. Muitas desses alunos, para ajudar a família, vão para as ruas pedir dinheiro, vender coisas, trocar serviços e até mesmo se prostituir. Outros, se escondem na marginalidade do tráfico de drogas imperativo na maioria das escolas públicas dos bairros mais pobres.

Esses sujeitos, não tiveram a oportunidade da escolarização em tenra idade, na maturidade, encontram sérios problemas para retomar seu rumo no ensino.

Segundo Kleiman (2000, p.203) um tema recorrente no discurso do professor sobre a leitura é a formação do leitor crítico, e devemos nos remetermos a Machado (1999, p.15) quando afirma: ninguém deve ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão. Partindo desses pressupostos, se os nossos alunos de EJA mostrarem-se comunicativos, mesmo que não utilizem a oralidade segundo a erudição da sociedade (norma padrão da língua portuguesa do Brasil), devemos "extrair" desta comunicação nossos recursos para a introdução dos conteúdos a serem trabalhados. Falando de outra forma, precisamos utilizar o cotidiano dos alunos que será o elemento gerador de um currículo pertinente.

→ A maneira mais comum que vemos a leitura a ser tratada nas escolas é a forma tradicional, com textos fora da realidade do cotidiano do aluno, entediantes, que não motivam, e nem incentivam sua curiosidade, que precisam de uma avaliação que visa a memorização.

Por outro lado, temos que concordar com o fato de que não é fácil se escrever um bom livro, muito menos de escolher, dentre milhares, aquele que seria mais

Saber
participar
As
mas estar
i multilínguas
Falar
de assunto
diversos

apropriado aos nossos alunos, naquele período. Porém, é fundamental se ter todo um cuidado para realizar tal tarefa, principalmente ao se tratar de turmas de jovens e adultos, que provavelmente já terão a maioria de seus alunos com um pré-conceito estabelecido sobre leitura feita na escola.

E, para que esse gosto pela leitura seja incentivado é importante a utilização vários materiais, como: revistas, jornais, livros, receitas, textos sobre a TV, o teatro, poesias, textos produzidos pelos próprios alunos que possa ser lido e desperte o interesse da turma. Os alunos devem trabalhar com vários tipos de textos porque não são apenas decifradores de sinais e sabem que a(s) palavra(s) contidas nos textos são signos (no sentido bakhtiniano) e não apenas sinais. Estes alunos, leitores de suas realidades constroem um universo textual a partir das indicações que lhe são fornecidas e, na medida em que vão refazendo o percurso do autor do texto se instituem como co-enunciadores, e, portanto sujeitos do processo de ler e não meros objetos ou receptáculo de informações. Não podemos limitar os alunos de EJA a ler pequenos trechos de textos, pois assim estamos minimizando as possibilidades de ascensão que esses educandos podem alcançar.

Sem um trabalho de leitura, com textos dos mais variados gêneros, com opiniões divergentes, para o aluno contrastar suas opiniões com as de outros, a fim de avaliá-las e relativizá-las, a experiência pessoal, a qual ocupa um lugar central nas práticas discursivas orais, impõe-se e determina a interpretação dos alunos. A opinião e atitude baseadas no caso pessoal são tão ou mais relevantes do que o "caso" apresentado no texto, justamente porque o método favorece a contraposição: no cotejo de "lições" de vida, é natural que a vivência e a opinião daí decorrentes sejam tão ou mais relevantes do que a lição do livro para os adultos sem uma tradição letrada. (KLEIMAN, 2000, p.206)

Uma forma de realizar aproximações prazerosas com a leitura seria a de fazer registros das estratégias de processamento cognitivo que os/as alunos/as adotam na

leitura de materiais diversos, visando compreender quais os processos de leitura que contribuem para a formação do leitor das classes de EJA enquanto ato agradável, humanístico, criativo.

A formação do leitor crítico não ocorre espontaneamente. Trata-se de uma tarefa de ordem cognitiva e de ordem social, pois baseia-se na reflexão e na análise dos condicionamentos a que o uso da linguagem nos leva. Sem atividades que permitam refletir, reformular, retomar, reelaborar, avançar nesse processo, será a resposta pronta a que predominará. (KLEIMAN, 2000, p.203)

Tudo que se deve ensinar dependerá da forma como é apresentado à turma, e quanto mais o professor gostar do próprio texto a ser explorado, maior será a motivação que ele terá e que fatalmente a transmitirá aquela turma, portanto é indispensável que em primeiro lugar o professor se encoraje, para encorajar seus alunos. Para isso o professor deve ter tido anteriormente a oportunidade de se encantar com a leitura, e se a escolarização que ele teve foi precária neste sentido, deveria caber aos cursos de educação continuada fornecer-lhe tal possibilidade.

Além da leitura é fundamental se incentivar a escrita com liberdade de expressão e de temáticas, pois assim conheceremos um pouco mais da realidade de vida de nossos alunos, com o seu linguajar e cultura próprios.

1.5 – Escrita: Uma das diretrizes para a prática educativa

Os alunos de EJA carregam em suas histórias um “inacabamento”, principalmente porque a maioria ainda não sabe escrever. A escrita para essas pessoas certifica sua identidade, pois, as primeiras palavras que desejam aprender são seus próprios nomes. Anteriormente para serem identificadas nas instituições

(cartórios, igrejas, lojas comerciais, etc.) tinham que deixar literalmente suas “marcas” nos documentos, ou seja, o polegar carimbado para comprovar sua existência.

Segundo Kleiman (2000, p.232) “saber assinar o próprio nome é ser identificado como alfabetizado”. Para esta autora, os jovens e adultos do curso de alfabetização devem ter como função predominante da escrita, a função referencial: a língua escrita serve para registrar fatos e eventos que acontecem, para fazer referência ao mundo real. Ou seja, a princípio, não há para eles o interesse que ocorre com os indivíduos escolarizados, de buscar um crescimento subjetivo.

É preciso criar ações pedagógicas favoráveis ao desenvolvimento da autonomia para que os alunos incentivados a explorar o potencial de criação da escrita e dizendo não a essa escrita repetitiva, mecânica sem sentidos dos materiais didáticos e a imposição da gramática normativa.

Geralmente, conhecer a gramática conforme a gramática normativa é conhecer um conjunto de normas para a escrita e escrever a “gramática da fala”, esquecendo que o aluno possui uma gramática internalizada, a qual a princípio não depende de escolarização ou de qualquer processo de aprendizado sistemático.

No capítulo a seguir apontaremos alguns estudos que levam o professor a refletir sobre suas práticas e, por conseguinte, buscam favorecer a uma melhor aprendizagem para os alunos jovens e adultos, e conseqüentemente para a educação como um todo.

Capítulo 2

Dilemas e possibilidades da formação do Educador

2.1 – A Teoria e Prática

Os estudiosos que debruçam-se sobre a formação do educador afirmam que este deve ser um vigoroso pesquisador. Todavia se tem demonstrado que as teorias (os conteúdos) e as práticas (os estágios) são um traço distintivo nos currículos de formação do magistério e asseveram que esse tipo de organização da educação escolar é sustentada pelo modelo liberal⁶ de sociedade e de escola. Nesse sentido a professora, enleada por esta formação, deve definir que tipo de prática vai adotar em sua carreira. Segundo Silva (1992, p.65) “a consciência política do educador, que se liga por dentro com os grandes anseios populares, é um compromisso de tal monta que não pode se desenvolver sem um ato pessoal desse educador, que o responsabiliza por uma causa: é a *opção política* como ato de sua consciência”. Ela será a professora que só comparece a escola, lança o conteúdo, os exercícios, e a prova? Ou será uma professora que se preocupará com o desenvolvimento do aluno, avaliando-o de forma formativa⁷, auxiliando-o no seu crescimento cognitivo?

⁶ Liberalismo – O liberalismo político considera a vontade individual como fundamento das relações sociais, defendendo portanto as liberdades individuais – liberdade de pensamento e de opinião, liberdade de culto, etc. – em relação ao poder do Estado que deve ser limitado. (Japiassu H. e Marcondes, D, Dicionário Básico de Filosofia, 1990).

⁷ Segundo Haidt – a avaliação formativa pode contribuir para o aperfeiçoamento da ação docente, fornecendo ao professor dados para adequar seus procedimentos de ensino às necessidades da classe. A avaliação formativa pode também ajudar a ação discente, porque oferece ao aluno informações sobre seu progresso na aprendizagem, fazendo-o conhecer seus avanços, bem com suas dificuldades, para poder superá-las. É através da modalidade formativa que a avaliação assume sua dimensão orientadora, fornecendo dados para o replanejamento da prática docente e orientando o estudo contínuo e sistemático do aluno, para que sua aprendizagem possa avançar em direção aos objetivos estabelecidos. (Curso de Didática Geral – Regina Célia Cazaux Haidt, 2000, p.293)

Segundo Kleiman citando Manguel (1997, p.92-94), “a escolástica dominante ainda em pleno Séc. XVI, logo se tomou um método de preservar idéias, em vez de ajudar a produzi-las”.

A educação que se pretende oferecer ao estudante de EJA é uma educação que contribua para mudar o seu quadro social-político-econômico ou estaria comprometida em reproduzir os padrões de uma sociedade liberal, que não pretende modificar o contexto de vida dessas pessoas?

“Precisamos de esperança crítica, como o peixe necessita de água despoluída”.(FREIRE, 1992, p.10)

De acordo com a LDB no seu artigo 4º, Inc. VII., o professor de jovens e adultos deve ser preparado para atuar frente a este grupo

A oferta de educação regular para jovens e adultos pelo texto legal deverá ser realizada mediante uma pluralidade de formas apropriadas a este tipo de aluno, não apenas no sentido de suas características biopsíquicas, mas também no sentido das necessidades objetivas do trabalhador. Deve-se, portanto, oferecer uma educação acessível ao seu perfil em duplo sentido: no sentido de chegar à escola e no sentido de permanecer na escola. Para a colimação deste duplo objetivo, há necessidade de escolas bem equipadas e de professores adequadamente preparados, sobretudo com sólida formação na área de psicopedagogia do adulto. De fato, a escola pública brasileira *está mal preparada* (grifo meu) para oferecer atendimento educacional dentro de um quadro de observância às *diferenças individuais*, da criança e do adolescente, e totalmente despreparada para fazer o mesmo em relação ao adulto. Neste sentido, o direito à educação é uma utopia ainda distante. (CARNEIRO, 1998,p.50)

mas foi citado neste trecho do artigo

A educação é um direito de todos e dever do Estado, conforme vimos no artigo acima citado, porém, podemos dizer que este direito é assegurado a todos os cidadãos? Há milhares de pessoas⁸, que apesar de freqüentar a escola, não conseguem superar as

⁸ Dados do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – conforme pesquisa realizada em 2000, constatam que a situação do analfabetismo no Brasil é muito grave, cerca de 16 milhões com mais de 15 anos e 30 milhões de analfabetos funcionais, ou seja aqueles que sabem

barreiras para aprendizagem da leitura e da escrita. Então, como pode-se exigir esse direito das instituições cabíveis? Quais são as dificuldades encontradas por esses alunos quando chegam a sala de aula?

Um dos aspectos que poderia começar a responder estas questões está exatamente na formação que essas professoras (alfabetizadoras) recebem. Fernandes em seus estudos afirma que:

as alfabetizadoras afirmam haver treinamento por parte da instituição onde trabalham, porém, a reclamação recai na falta de qualidade e objetividade destes treinamentos. Algumas, parecendo querer proteger os seus superiores, ou, temendo represálias, chegam a ressaltar a qualidade e a permanência desses treinamentos, mas terminam por cair em contradição e afirmam a não-validade desses treinamentos para o melhoramento de seu desempenho.(2002, p.88)

Vemos que os alunos de EJA tomam-se “cobaias” nas mãos de professores despreparados, que parecem ser cobaias de programas de formação superficiais. E estes por precisar complementar a sua renda, estendem a sua jornada de trabalho, não importando, assim, que tipo de ensino levará àqueles educandos. Outro fator que atrapalha esse aprendizado é a rotatividade das professoras. Fernandes (2002, p.89) salienta que das professoras nas etapas que compõem a Educação Básica de jovens e adultos, entre as seis alfabetizadoras pesquisadas, apenas uma, com 18 anos de magistério, trabalha em alfabetização de adultos há 16 anos. As demais, apesar de longa experiência no magistério, estão trabalhando pela primeira vez com alfabetização de adultos.

assinar o nome, e ler e escrever pequenos bilhetes, segundo a pesquisa, a distribuição populacional dessa população apresenta uma maior concentração nos grandes centros.

O educando *deve mudar-se*
 para aqui para qual? *parece*
 estar desvinculado do parágrafo *o que não*
 que a unidade *prestado mente*

[...] de meu aprendizado intenso com pescadores, com camponeses e trabalhadores urbanos, nos morros e nos córregos do Recife, me haviam vacinado contra a arrogância elitista... No fundo, o que eu quero dizer é que o educando se torna realmente educando quando e na medida em que *conhece*, ou vai conhecendo os conteúdos, os objetos cognoscíveis, e não na medida em que o educador vai *depositando* nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos.[...] (FREIRE, 2001, p.47)

O aluno de EJA ao chegar a escola precisa encontrar em sala de aula um professor que esteja disposto a manter uma relação de companheirismo e não aquela figura da escola tradicional detentora do saber e apenas reprodutora do conhecimento. Conforme Saviani destaca “a escola se organiza, pois, como um agente centrado no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que são transmitidos.”

Tal como o estudo de Saviani ressalta-se que, o professor de EJA não deve se utilizar desta tendência, pois, certamente assim fazendo, ele estará contribuindo para evasão desses alunos e conseqüentemente da desistência da remanescente esperança e de sonhos que ainda têm em suas vidas.

2.1 – O desprestígio da profissão

Gratuito já tem
 parece estar desabastado
 com o aluno não tem
 a liberdade de como se sentir

A questão aqui a ser refletida é aquela relacionada ao perverso e medíocre descaso pelo qual os educadores passam em sua trajetória de formação profissional.

Por outro lado, o discurso de alunas/os do curso de Pedagogia sugere considerações.

Algumas falas, como:

“Quando eu falo que estou fazendo Pedagogia, as pessoas perguntam se estou ficando louca?”

“Pedagogia, o que é isso?”

“Ah! Você vai ser professorinha?”

Segundo Esteve (1991, p.105) nos tempos atuais, o “status” social é estabelecido, primordialmente, a partir de critérios econômicos. Para muitos pais, o fato de alguém ser professor tem a ver com uma clara incapacidade de “ter um emprego melhor”, isto é, uma atividade profissional onde se ganhe mais dinheiro. Vemos que a profissão de Pedagogo/Professor ganha vários sentidos pejorativos, e é isso que queremos pra uma profissão a qual se delega tantas responsabilidades!? Segundo Nóvoa (2004, p.9) ao professor pede-se tudo, cada vez mais coisas. Para além das suas funções normais de ensinar, uma atenção especial a um conjunto de problemas sociais, relacionados com a droga, com a delinquência, pede-se um conjunto de relações com as comunidades, pede-se que desempenhem tarefas de gestão, mas, simultaneamente, os professores são cada vez menos prestigiados do ponto de vista social. Certamente não é isso que queremos. Talvez este trabalho possa juntar-se a outros estudos no sentido de alertar aos Pedagogos, Professores, Docentes, que para transformarem este quadro tão desmotivador ao qual se encontra inserida nossa profissão, deveríamos buscar melhorias através da união da categoria como argumenta

Alves:

Sou um educador. Falo e escrevo. Minhas palavras resvalam sobre as estruturas como se não existissem. Só posso me dirigir às pessoas. Aqui se encontram os limites do meu poder. Aqui se encontram os problemas que creio poder resolver. E penso que, se as pessoas não forem capazes de ouvir, entender, amar e lutar juntas, ficaremos à mercê da autonomia das instituições. Creio na eficácia do discurso. Se não crêssemos, teríamos deixado de falar e escrever... (198, p.47)

Wenzel (1994, p.13) chama à atenção para que façamos o resgate do professor como trabalhador da educação. Como trabalhador exige-se dele uma coerência de classe, que deve ser expressa por meio de seu compromisso de lutar pela classe

oprimida cabendo-lhe a missão fundamental de desmistificar, desvelar para os alunos a sociedade capitalista, de classes.

A formação do professor, e não somente do professor de EJA, é uma das alternativas para tentar reverter este quadro “negro” que se encontra a profissão de educador. Nóvoa (2004) defende que esta formação deve ser contínua, contemplando três frentes: investir na pessoa e na sua experiência, na valorização dessa experiência e não no desaposar dessa experiência. Investir na profissão e os seus saberes, trabalhar os saberes que os professores já possuem e investir na escola e nos seus projetos, pois, para ele, ou são os próprios professores que desenvolvem o trabalho de pensar o trabalho, ou outros assumirão essa tarefa e, no momento em que isso acontecer, os professores passarão a ser executantes de coisas pensadas, concebidas, refletidas, por outros.

Nos valem das apreciações anteriores para ressaltar que as propostas da educação de pessoas jovens e adultas, muitas vezes por não acontecer exclusivamente em instituições formais de ensino, são precedidas e apoiadas em manuais de como o professor (alfabetizador) deve ensinar. É como se qualquer pessoa que domine a leitura e a escrita estivesse apta a alfabetizar.

As pesquisas de Fernandes (p.90) constatam que em Cajazeiras, na Paraíba, esta facilidade para alfabetizar não é tão simples assim, como vemos na fala de uma das alfabetizadoras pesquisadas:

Não sei se eu estou fugindo, mas eu quero dizer assim, eu achei difícil demais porque eu não fui treinada pra isso todo, aí eu digo: meu Deus! Não seis seu eu tô levando de uma maneira arcaica ou como..., eu tô assim, procurando, não sabe? Uma maneira assim que ele vá aprender, não sabe? Eu digo, como eu já disse: não fui treinada.

No próximo ponto ressaltaremos porque a formação do professor deve ser contínua, a sua preparação deve se dar de forma que os estágios contribuam para que o professor experimente/viva a realidade concreta da sala de aula.

2.3 – O desajustamento do professor, ajustará a educação?

Esta reflexão pretende elucidar através dos estudos de Esteve, que o professor pode e deve buscar ajuda, para não continuar um profissional desacreditado, desprestigiado na sociedade. E acima de tudo manter seu equilíbrio emocional e sua saúde ilesos, sem os quais, não poderá fazer uso de sua força de trabalho. Segundo este autor, ou o professor muda a sua postura frente a sua profissão, ou então não terá como fugir do desajustamento. E o que seria esse desajustamento? Esteve (1991, p.97) chama de mal-estar docente o conceito da literatura pedagógica que pretende resumir o conjunto de reações dos professores como grupo profissional desajustado devido à mudança social⁹.

Destaca-se nessa teoria que o mal-estar docente não deve ser entendido como um exercício de autocomplacência face aos males do ensino. Este autor fundamenta três funções bem precisas:

- a de ajudar os professores a eliminar o desajustamento;
- a de estudar a influência da mudança social, chamando à atenção da sociedade;
- a de traçar linhas de intervenção que superem o domínio das sugestões.

⁹ Esta mudança a qual Esteve se refere é o período dos últimos vinte anos, destacando as transformações sociais políticas e econômicas, ou seja, o período de 1970.

Constatamos que Esteve salienta o caráter psicológico que afeta a profissão docente e, por mais que busquemos um equilíbrio em sala de aula, os diversos papéis que a sociedade espera e delega ao professor, acabam causando o *stress* da profissão: *“É preciso evitar o desajustamento e a desmoralização do professorado, bem como o crescente mal-estar docente, pois, um ensino de qualidade toma-se cada vez mais imprescindível.”* (ESTEVE, 1991: p.98).

No decorrer deste estudo Esteve enumera doze indicadores básicos para as mudanças recentes na área de educação, dentre estes, respectivamente nove estão vinculados ao desenvolvimento de novas concepções da educação, reportados ao contexto social da função docente, e os outros três às variações intrínsecas ao trabalho escolar. São eles:

1. Aumento das exigências em relação ao professor;
2. Inibição educativa de outros agentes de socialização;
3. Desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola;
4. Ruptura do consenso social sobre a educação;
5. Aumento das contradições no exercício da docência;
6. Mudança de expectativa em relação ao sistema educativo;
7. Modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo;
8. Menor valorização social do professor;
9. Mudanças dos conteúdos curriculares;
10. Escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho;
11. Mudanças nas relações professor – aluno;
12. Fragmentação do trabalho do Professor.

Como vemos, a gama de responsabilidades atribuídas ao professor, como bem destacou Esteve, nos coloca não como um simples profissional ao qual a sociedade só exige, esquecendo-se que ela também é responsável pela educação. Afinal a família é o primeiro agente social que tem por obrigação educar aos seus filhos.

Num texto intitulado *O que é o BOM PROFESSOR* (grifo da autora), Cunha (p.157) destaca que estudar o cotidiano do professor é um meio para a compreensão dos fenômenos sociais que o cercam e, com esta compreensão, entender o próprio professor neste contexto. As reflexões alinhavadas neste estudo mostram que as mudanças sociais trouxeram à escola um grande número de cidadãos que o professor não estava apto à receber. A heterogeneidade deste novo público causou o desequilíbrio ou como demarca Esteve (1991, p.102), o desajustamento ou mal-estar docente:

O professor confronta-se, cada vez mais com diferentes modelos de socialização, produzidos pela sociedade multicultural e multilíngue... Não é fácil para o professor entender os alunos que as compõem, uma vez que estas subculturas e tribos urbanas nascem, florescem e desaparecem a um ritmo cada vez mais rápido.

Convém apontarmos, que no Brasil, assim como no contexto mundial, esta situação também está presente, pois, a professora de EJA vai se deparar como apontamos no início deste trabalho com muitos de nossos "atores" (alunos) de variadas regiões, ou seja, temos que estar inteirados sobre a cultura dessas regiões para que possamos respeitá-las, e dessa forma estabelecer um melhor trabalho em sala de aula.

Esteve assinala que as atitudes dos professores perante a mudança dos sistemas de ensino não diferem muito das atitudes gerais do ser humano face à mudança social acelerada. Os professores enfrentam uma crise de identidade, que

Abraham¹⁰ define como uma contradição entre o eu real (o que eles são diariamente nas escolas) e o eu ideal (o que eles queriam ser ou pensam que deveriam ser).

Mais uma vez, vemos que o professor necessita de uma formação que capacite-o para uma escola real e tanto universidade e como as instituições destinadas a formação de professores educadores precisam prepará-lo para um público oficial e não oficioso. Neste sentido, as práticas no curso de formação de professores tomam-se imprescindíveis a partir do momento que o discente confrontará a teoria recebida ao cotidiano real da sala de aula.

Segundo Poker (1996, p.68) para a universidade, o "mundo real" (grifo do autor), o mundo que apresenta problemas e que precisa ser alterado, só existe fora de seus muros, sendo o de dentro um ambiente à parte, que não participa das mesmas determinações que regem a vida dos mortais comuns no universo classificado como sociedade.

Esteve (1991, p.118) conclui que para uma formação eficiente do professor perante a aceleração da mudança social, é relevante destacar as seguintes linhas de atuação. Na formação inicial:

- Estabelecer mecanismos seletivos de acesso à profissão docente baseados em critérios de personalidade, e não apenas em critérios de qualificação intelectual;
- Substituir as abordagens normativas por abordagens descritivas¹¹;

¹⁰ Ada Abraham classifica em quatro grupos os tipos de reações dessa "crise de identidade" dos professores: o primeiro tipo é a do grupo de professores que aceita a idéia da mudança do sistema de ensino como uma necessidade inevitável da mudança social; o segundo tipo é o grupo de professores incapazes de fazer frente à ansiedade que lhes causa a mudança; adotando atitudes de inibição; o terceiro tipo é a do grupo de professores que alimentam, face à mudança do sistema de ensino, sentimentos profundamente contraditórios e finalmente o quarto grupo é aquele que tem medo da mudança. (p.110)

¹¹ Abordagem normativa – para esse autor seria o tipo de abordagem que classifica o professor, como eficaz, bom, e nesse sentido, o professor é o único responsável pela eficácia da docência, estabelecendo

- Adequar os conteúdos da formação inicial à realidade prática do ensino.

Tanto a formação inicial quanto à formação permanente, ocupam papéis de destaque na qualificação do docente, e desta forma, o professor, ao optar por esta carreira, precisa ter em mente que deverá privilegiar alguns atributos, tais como: ser um eterno leitor, ser ouvinte e também orador, adequar-se às relações sociais (com alunos, pais, colegas da profissão, etc.)¹², e sendo fundamental que o professor também seja dedicado continuamente a estudar. É disso que trataremos na parte final deste trabalho, a educação e as novas tecnologias – com ênfase na informática, o professor já está preparado para utilizá-la no contexto escolar?

2.4 – O professor e a as novas tecnologias /informática, essa dupla já está “antenada”?

Este é um tipo de temática proposta metodológica para educadores de jovens e adultos e formação do educador

No momento em que a comunicação conectada ao contexto mundial exige do sujeito uma capacidade cada vez maior, para absorver as informações, o professor precisa também buscar essa atualização, visto que, no âmbito da pesquisa, ganhamos em velocidade e acesso, já que podemos pesquisar pela rede de informação que é a INTERNET. Por meio dela podemos conhecer várias bibliotecas virtuais do mundo, sem falar em congressos, troca de informações com professores de todas as partes do Brasil e do mundo.

Segundo Gomes (2002, p.125), o professor é o principal ator de qualquer processo de mudança na escola. Para que haja mudanças na qualidade do ensino é

uma relação direta entre a personalidade do professor e o êxito da docência, já a abordagem descritiva, considera-se que o êxito da docência depende de uma atuação correta do professor, que responde ao conjunto de condicionantes que influem na interação professor-aluno.(p.118)

¹² Adequar-se no sentido de que em cada instituição e/ou local de trabalho do professor, ele possa ter o equilíbrio psicológico e emocional, para um melhor desempenho de suas atividades.

necessário que ele perceba com clareza suas concepções sobre a educação, o que acha significativo para melhorar esse processo e só então analise de que modo às diversas tecnologias poderão auxiliá-lo. Um dado relevante a salientar é que os estudantes também já trazem um conhecimento significativo, inclusive os estudantes de EJA, que através de centros de informática comunitários¹³ já descobrem essa outra forma de alfabetização, o que lhes acaba incitando a um melhor desenvolvimento para a leitura e a escrita. Conforme Cano :

A pressão que a sociedade exerce sobre as instituições educacionais faz que se tome necessário "pôr em dia" os futuros cidadãos, ensinando-lhes uma nova cultura e oferecendo-lhes uma formação de acordo com as exigências do momento para evitar as angústias e inseguranças vivenciadas por um considerável número de pessoas de uma geração anterior, que no seu momento, não receberam essa formação que possibilita agir como usuários da informática (2001, p.166) .

A informática é uma aliada da sala de aula, mas no Brasil apesar de alguns programas¹⁴ incentivarem o seu uso na educação, ainda estamos engatinhando para que este passo seja dado. Principalmente por ser um programa que demanda custos altos, necessitando de apoio governamental e/ou privado, a informática é muito mais presente em escolas particulares e geralmente nestas instituições há um instrutor específico para este fim. Já nas escolas públicas, salvo raras exceções não há nem este profissional, nem ambiente apropriado, dificultando ainda mais a inserção do uso

¹³ O Governo Federal está implantando Telecentros pelo Brasil, para que se faça o "dita inclusão digital", conforme reportagem do jornal O Globo, de 05/2004.

¹⁴ PROINFO – Programa do Ministério da Educação , PROINESP – Projeto de Informática na Educação Especial, TELECENTROS – Locais onde os alunos das classes desprivilegiadas terão acesso a informática.

da informática na escola pública. Segundo Gomes (2002) a meta a ser alcançada para a informática na educação é:

[...] a de construir ambientes de aprendizagem computacionais baseados no modelo construcionista, proposto por Paper¹⁵, cujos pilares teóricos estão assentados nas teorias psicogenética e sócio-histórica, que permitem aos educadores compreender como as tecnologias da informação e da comunicação podem conduzir propostas de ensino inovadoras nas quais o papel do professor transcende ao de transmissor do conhecimento e a "educação bancária", tão criticada por Paulo Freire, para tornar-se parceiro dos estudantes, comunicador, mediador dos desafios e informações e motivado no processo ensino-aprendizagem.

Enfim, o professor deve se atualizar e procurar exercer sua profissão galgada em pilares que assentem propostas edificadoras tanto para seus alunos quanto para ele, pois, sem essa troca de saberes o professor é apenas um reproduzidor de conteúdos, de uma sociedade capitalista e desumanizadora.

Considerações finais

Este estudo pôde concluir que os professores de educação de jovens e adultos, ao fazer essa escolha devem estar comprometidos com o público que lhes espera.

A interação no processo educativo e especificamente em sala de aula é imprescindível para o êxito nas relações de ensino aprendizagem. E para que essa interação ocorra, vimos que o professor deve incentivar o diálogo, caso contrário teremos apenas uma reprodução do conhecimento. Faz-se necessário também que o professor trabalhe a partir de questões relativas a realidade do aluno, pois assim, além

¹⁵ Paper destaca duas propostas de uso de sua linguagem LOGO, o modelo instrucionista, e o modelo construcionista, para um aprofundamento dessas abordagens ver Valente, 1993, 1999; Almeida, 2000.

de ampliar uma consciência relativa a sua vivência, estará ao mesmo tempo tendo contato com duas práticas muito valorizadas em nossa sociedade: a leitura e a escrita.

A leitura é um dos principais meios de enriquecimento intelectual e cultural, como já afirmamos anteriormente, e cabe a nós professores de EJA, incentivá-la em nossos alunos para que esse hábito faça parte de suas vidas. Vimos também que o aluno de EJA no que diz respeito a escrita, utiliza com mais freqüência como função referencial, ou seja, para registrar fatos e eventos do seu cotidiano, não tendo a princípio nenhum interesse subjetivo.

Vê-se que a formação do profissional de educação deveria ser mais consistente e a profissão docente mais respeitada, socialmente e financeiramente. O papel que o professor exerce na formação de pessoas é de extrema importância e é banalizado pela sociedade e pelo governo.

A formação inicial e a formação permanente ocupam papéis de destaque na qualificação do docente - o que faz com que o professor seja leitor, ouvinte e também orador, ou seja, alguém que sempre busque a curiosidade epistemológica e a consciência do inacabamento - no sentido de que o ser humano não está completamente formado e sempre tem o que aprender. Por isso, é imprescindível ao professor procurar se atualizar sempre, buscando o uso de novas tecnologias como, por exemplo, a informática e tentar romper com esse modelo de sociedade vigente que separa, seleciona e estigmatiza. O professor deve ser comprometido com sua *práxis* e seus alunos fazendo com que a educação seja um elemento que contribua para a transformação da sociedade. Como diria um autor desconhecido: *"É preciso mudar tudo, se necessário, neste caminho chamado Educação"*.



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II**

ALUNO(A): VALDINETE MIGUEL ALBUQUERQUE

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : DILEMAS E POSSIBILIDADES
DA METODOLOGIA PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A
FORMAÇÃO DO EDUCADOR

ORIENTADOR : ANTONIA PINCANO

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador : Professor convidado

Professor: ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

Nota : 8,0 (OITO)

Considerações Finais:

O trabalho apresenta um tema de grande relevância "Dilemas e Possibilidades da Metodologia para Educação de Jovens e Adultos e a Formação do Educador".
A primeira parte do trabalho apresenta uma boa sistematização de ideias, abordando aspectos importantes para a Educação de Jovens e Adultos.
Mas, na segunda parte há alguns pequenos problemas de formatação presentes pela monografia. Confira a mesma e nota 8,0 (oito) Atm.

Terceiro avaliador : Professor da disciplina Monografia II

Professor: Ligia Cláudia Boellio

Nota : 9,0 (nove)

Considerações Finais:

Bom monografia, no tocante ao aspecto formal.
No entanto, não foram avaliados as referências bibliográficas
utilizadas pelo aluno.

LLC

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
<i>oito</i>	<i>sete</i>	<i>nove</i>		<i>oito</i>
<i>8,0</i>	<i>7,0</i>	<i>9,0</i>	<i>24,0</i>	<i>8,0</i>

Rio de Janeiro, 30/09/2004

LLC

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês Maio

Dia	5 ^a f. 27.			
Atividade	Bibliografia Novos sobre a formação do Professor			
Professor	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>
Aluno	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>

Mês Junho

Dia	03 - 5 ^a f.	17 - 5 ^a f.	24 - 5 ^a f.	
Atividade	Análise, Teoria Prática	Construção dos 1 ^o Capítulos	Construção do conteúdo - desenvolvimento	
Professor	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>
Aluno	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>

Mês Julho

Dia	01	08	15	22
Atividade	Aperfeiçoamento dos Cap. - desenv. dos conteúdos	Construção Desenvolvimento	Construção da Forma	Construção da Forma
Professor	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>
Aluno	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>

Mês Agosto

Dia	05	12	19	26
Atividade	Revisão da monografia	aperfeiçoamento	Revisão	Revisão
Professor	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>
Aluno	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>

Mês Setembro

Dia	03	06		
Atividade	Revisão	última revisão		
Professor	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>		
Aluno	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>		